

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: ARGUMENTAÇÃO FILOSÓFICA

Izanete de Medeiros Costa
Professora de Filosofia
izanete@ymail.com

Antonio Júlio Garcia Freire
Professor de Filosofia
antoniojulio@uern.br

INTRODUÇÃO

A argumentação é algo imprescindível à construção do conhecimento. Ela consiste em um modo de organização de raciocínios com o objetivo de evidenciar ou contradizer uma proposição (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001). Assim, a prática argumentativa poderá estar presente em qualquer campo da esfera humana. Todavia, a argumentação filosófica difere das demais formas de argumentação.

Segundo Alves (2005), a argumentação filosófica visa ao convencimento racional, enquanto as demais formas de argumentação têm por objetivo a persuasão retórica. Ainda de acordo com Alves (2005), essa diferenciação se faz presente no pensamento de Platão. Para Platão, a persuasão retórica estaria limitada ao plano sensível, restringindo-se à simples opinião e fazendo uso de estratégias que são direcionadas às emoções. O convencimento filosófico, por sua vez, dar-se-ia no plano inteligível, alcançando o conhecimento verdadeiro e seria dirigido à razão. Uma das diferenças entre a argumentação própria da filosofia e das demais é que a filosófica sempre apela à razão (ALVES, 2005).

O desenvolvimento da argumentação filosófica por meio do ensino básico requer da disciplina Filosofia uma determinada organização que permita ao professor, não apenas transmitir conteúdos, mas auxiliar os alunos no manuseio dos mesmos, de modo a expressar o que aprenderam por meio de textos e na prática discursiva.

Uma das possibilidades de se trabalhar a argumentação filosófica na Educação Básica é partir do conceito de metodologia *elêntica*. Essa metodologia consiste em um procedimento dialético empregado por Sócrates e explorado em vários textos platônicos, onde “[...] à pergunta ‘o que é?’ o interlocutor oferece uma resposta, um *logos*, uma declaração que vai ser submetida a prova (ou refutação)” (SANTOS, 2008, p. 47) com o intuito de verificar a coerência dos argumentos utilizados. Essa morfologia do diálogo é o que se chama *elenchos* ou metodologia *elêntica*.

Para Sócrates e Platão, o diálogo refere-se a um modo de investigação filosófica da verdade por meio de uma discussão entre o mestre e seus discípulos, onde o mestre os conduz na descoberta de um saber que têm em si mesmos, mas que desconhecem (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001).

Na prática da metodologia *elêntica*, o ponto de partida é uma proposição aceita pelo interlocutor de Sócrates. A finalidade do diálogo é testar essa proposição juntamente com outras crenças do mesmo interlocutor, para verificar a coerência do conjunto de afirmações (DINUCCI, 2008). Com isso, Sócrates pretende refinar as respostas dadas por seus interlocutores, livrando-os da crença de saber o que não se sabe. Assim, torna-se possível buscar o conhecimento. A estrutura da metodologia *elêntica* pode ser observada nos diálogos platônicos como *Laques* (2016), *Mênnon* (2001), *O Sofista* (2003), *Teeteto-Crátilo* (1988), *Apologia de Sócrates* (2002) e *Górgias* (1980).

TEMA: Argumentação filosófica.

OBJETIVO: Investigar como o estudo da metodologia *elêntica* ampliou a capacidade de argumentação crítica dos alunos envolvidos na aplicação da sequência didática. Para isso, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: Realizar o diagnóstico acerca do estado atual de argumentação crítica dos conceitos filosóficos dos referidos alunos, por meio da produção de dissertações filosóficas; averiguar, juntamente com os alunos, a aplicação da metodologia *elêntica* presente no diálogo *Laques* (PLATÃO, 2016); verificar a argumentação crítica dos conceitos filosóficos dos sujeitos pesquisados após a realização do estudo da metodologia *elêntica*, por meio da produção de dissertações filosóficas.

CONTEÚDOS: argumentação filosófica, dissertação filosófica e conceito de *elenchos* presente no diálogo platônico *Laques*.

HABILIDADES E COMPETÊNCIAS DA BNCC A SEREM DESENVOLVIDAS:

Competências Gerais da Educação Básica: Competência nº 7: “Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta” (BRASIL, 2018, p. 9).

Habilidades das Ciências Humanas e Sociais específicas para o Ensino Médio:

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros) (BRASIL, 2018, p. 572).

TEMPO DE EXECUÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA: 7 horas aula

QUANTIDADE DE ALUNOS: No máximo 10 alunos. Caso o número de alunos seja excedido, não serão obtidos os resultados esperados, pois um número excessivo de alunos poderá comprometer a qualidade do estudo.

MATERIAIS NECESSÁRIOS PARA A EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES DA SEQUÊNCIA: textos sobre o elenco e sobre o tema escolhido pela turma para as produções textuais, caneta e papel.

SEQUÊNCIA DAS AÇÕES:

Passo 1 (aula 1): Estudar o que é e como se escreve uma dissertação filosófica. Caso o professor já tenha trabalhado isso com a turma, deverá fazer uma revisão do assunto. As orientações para a escrita de uma dissertação filosófica podem ser encontradas no livro didático *Filosofia e filosofias: existência e sentidos* (SAVIAN FILHO, 2016). A maneira de ensinar a produzir uma dissertação filosófica e as fontes de pesquisa ficam a critério do professor.

Passo 2 (aula 1): Escolher o tema filosófico que será trabalhado. A escolha deve ser feita pelos alunos com a supervisão do professor. A participação dos alunos na escolha do tema é muito importante, porque o engajamento deles nessa ação poderá despertar ainda mais o interesse dos mesmos nos debates e produções textuais. O professor deverá supervisionar essa escolha para garantir que o tema escolhido seja filosófico. Algumas sugestões de temas são: amor, felicidade, coragem, justiça e tempo.

Passo 3 (aula 2): O professor deve orientar a pesquisa de autores e textos filosóficos que tratem do tema escolhido. Caso os alunos encontrem dificuldade na pesquisa, o professor poderá fornecer os textos. A utilização de textos filosóficos é essencial, pois não é possível desenvolver uma reflexão filosófica desvinculada do conteúdo filosófico. Para mais informações sobre esse assunto leia o texto *O ensino da Filosofia e o pensamento conceitual* (GALLO, 2013).

Passo 4 (aula 2): Estudar o material coletado no passo 3.

Passo 5 (aula 3): Debater o tema escolhido. O professor deverá ser o mediador do debate, auxiliando os alunos na elaboração dos argumentos.

Passo 6 (aula 4): Produzir a primeira dissertação filosófica. A partir do debate realizado no passo 5, cada aluno irá produzir um texto dissertativo argumentativo seguindo as orientações dadas pelo professor no passo 1. O tema da dissertação filosófica deve ser o mesmo tema escolhido no passo 2 e discutido no passo 5.

Passo 7 (aula 5): Estudar a metodologia *elêntica* presente nos textos platônicos. O estudo deverá ser realizado a partir de textos que tratam da metodologia *elêntica* e de trechos de uma obra de Platão – ou da obra completa, caso seja viável para a turma – que apresenta o desenvolvimento da metodologia. Deve ser estudado um dos seguintes diálogos: *Laques* (2016), *Mênnon* (2001), *O Sofista* (2003), *Teeteto-Crátulo* (1988), *Apologia de Sócrates* (2002) ou *Górgias* (1980). Ao final dessa sequência didática são apresentados dois textos que poderão ser trabalhados, mas a escolha fica a critério do professor.

Passo 8 (aula 6): Produzir a segunda dissertação filosófica. A partir do debate realizado no passo 5, cada aluno irá produzir um novo texto dissertativo argumentativo seguindo as orientações dadas pelo professor no passo 1. Caso o professor considere necessário, poderá realizar um novo debate antes da realização do passo 8. O tema da segunda dissertação deve ser o mesmo tema trabalhado na primeira.

Passo 9 (aula 6): Analisar e comparar os dois textos produzidos pelos alunos. Esse passo não requer a presença dos alunos. O professor deverá analisar ambos os textos utilizando os seguintes critérios de avaliação:

- **Autenticidade:** Analisa se os textos apresentam ideias autênticas dos alunos ou apenas reproduzem o pensamento de outros autores. A autenticidade é considerada um aspecto importante do texto filosófico produzido pelos alunos, uma vez que o ensino de filosofia não deve limitar-se à simples reprodução de sua história.
- **Validade do argumento:** Verifica se a conclusão a que os alunos chegaram no texto, segue a lógica do raciocínio exposto nos parágrafos do desenvolvimento.
- **Solidez do argumento:** Avalia se o argumento é bem fundamentado: se as premissas são verdadeiras, se existe uma articulação adequada entre as informações e sua contextualização na argumentação. “Chama-se sólido a um argumento válido e com premissas verdadeiras. A solidez inclui, pois, a validade” (ALMEIDA, 2017, p. 9). A validade e a solidez do argumento são apontados por Almeida (2017) como sendo noções elementares da Lógica. Entendemos que um estudo sobre a argumentação filosófica deve conter esses elementos da Lógica.
- **Coerência:** Analisa se existe uma lógica interna no texto, isto é, se o assunto abordado mantém-se intacto, sem que haja distorções, facilitando, assim, o entendimento da mensagem. Com relação à coerência textual, Belmonte (2002, p. 8) afirma que “a noção de coerência exerce um papel fundamental para a compreensão e interpretação de textos”. Desse modo, entendemos que essa é uma condição essencial para que qualquer texto torne-se compreensível.
- **Definição conceitual:** Verifica se no texto os alunos definem os temas trabalhados, respondendo à pergunta “O que é?” sem contradizer-se ou apenas exemplificar. A definição de conceitos é uma parte essencial da metodologia *elêntica*. Santos (2008) define a metodologia *elêntica* como um procedimento dialético utilizado nos diálogos socráticos onde os interlocutores de Sócrates ofereciam uma resposta à pergunta “O que é?”, ou seja, apresentavam uma definição para um conceito. As respostas dadas pelos interlocutores eram analisadas para a verificação de sua coerência. Caso a resposta não fosse consistente, ela era refutada. A cada refutação uma nova resposta era buscada. Desse modo, acontecia a depuração do conhecimento e os participantes do debate aproximavam-se cada vez mais do saber. Com base no exposto, consideramos a definição conceitual como um momento importante para o desenvolvimento da argumentação, uma vez que essa prática poderá proporcionar uma maior aproximação dos alunos pesquisados com o conhecimento acerca dos conceitos debatidos, afastando-os da mera opinião.

Passo 10 (aula 7): Debater com os alunos todos os textos produzidos de modo a identificar os erros, as evoluções do segundo texto produzido em relação ao primeiro e os aspectos que ainda precisam ser aperfeiçoados.

SUGESTÕES DE TEXTOS PARA SEREM UTILIZADOS NO PASSO 7

Texto 1: (COSTA, 2019, p. 112-113)

A Metodologia *Elêntica* na Filosofia Platônica

A metodologia *elêntica* consiste em um procedimento dialético empregado por Sócrates e explorado em vários textos platônicos, onde “à pergunta ‘o que é?’ o interlocutor oferece uma resposta com o objetivo de verificar a coerência dos argumentos utilizados.

Nos textos platônicos, ao debaterem uns com os outros, cada indivíduo expressava a sua opinião, que consiste em uma certeza baseada somente em sua experiência pessoal. Deste modo, não existia diálogo, mas apenas um monólogo, onde alguém falava sobre determinado assunto.

Mesmo quando havia mais de uma pessoa expondo a sua opinião, a ação não podia ser considerada diálogo, pois cada parte envolvida apenas defendia incansavelmente a sua posição. Não eram feitas avaliações para verificar a consistência do que era afirmado. As opiniões eram apresentadas e fazia-se a oposição de certezas sem que nenhuma personagem aceitasse a possibilidade de sua opinião estar errada.

A metodologia *elêntica* era utilizada por Sócrates com o objetivo de fazer com que seus adversários passassem do monólogo ao diálogo. Ou seja, para fazer com que eles analisassem suas próprias opiniões, verificando sua consistência e reconhecendo suas incertezas, suas ignorâncias.

De acordo com Santos (2008), as diversas interpretações da referida metodologia socrática podem ser sintetizadas em duas: 1ª Sócrates refuta os seus interlocutores, forçando-os a aceitar duas posições contraditórias. 2ª Sócrates refuta os seus interlocutores, provando a falsidade das suas proposições. Nos dois casos ocorre a refutação das proposições dos adversários.

Uma vez iniciado o diálogo, ao responder às indagações de Sócrates, seu adversário poderá apresentar duas condutas diferentes. Ele poderá responder satisfatoriamente à pergunta ou responder de modo incompleto, precisando de auxílio na formulação de suas respostas (SANTOS, 2008).

Quando o adversário respondia de modo incompleto, Sócrates ajudava-o para que o discurso fosse redirecionado para a análise do conceito discutido. Por exemplo, no *Laques (ou Da Coragem)* (PLATÃO, 2016), quando Sócrates pergunta à Laques o que é a coragem ele não responde com a definição de coragem, mas dando exemplos de atos corajosos. Então, Sócrates o instrui para que Laques possa, de fato, responder à pergunta feita. Depois de respondida a pergunta, Sócrates dá início ao processo que terminará com a refutação. Quando o adversário responde satisfatoriamente, a refutação acontece quando ele se contradiz.

O objetivo da metodologia *elêntica* é purificar a alma do interlocutor da ignorância, ou seja, da crença de saber o que não se sabe. A partir dessa purificação torna-se possível buscar o conhecimento.

Referências Bibliográficas

PLATÃO. Laques (ou Da Coragem). *In*: PLATÃO. **Diálogos VI**: Crátilo (ou Da Correção dos Nomes), Cármites (ou Da Moderação), Laques (ou Da Coragem), Ion (ou Da Ilíada) e Menexeno (ou Oração Fúnebre). 2. ed. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Edipro, 2016.

SANTOS, J. T. **Para ler Platão**. Tomo I. A ontoepistemologia dos diálogos socráticos. São Paulo: Loyola, 2008.

Texto 2: (COSTA, 2019, p. 119-124)

Trechos extraídos do texto platônico *Laques (ou Da coragem)* (PLATÃO, 2016)

Sócrates - Que parte, então, escolheremos da virtude? Terá de ser, evidentemente, aquela a que tende à disciplina da hoplomaquia, e que todo o mundo pensa ser a coragem, não é assim?

Laquete – É o que todos pensam, realmente.

Sócrates - Começemos, portanto, Laquete, por determinar e o que é coragem: de seguida, passaremos a considerar de que maneira ela pode ser comunicada aos moços e até onde estes conseguirão adquiri-la por meio do estudo e do exercício.

Começa, portanto, como disse, por explicar-nos o que seja a coragem.

Laquete - Isso, Sócrates, por Zeus, não é difícil de explicar. Como sabes, homem de coragem é o que se decide a não abandonar seu posto no campo de batalha, a fazer face ao inimigo e a não fugir.

Sócrates - Muito bem, Laquete; mas talvez eu não me tenha exprimido com muita clareza, pois não respondeste ao que eu tinha intenção de perguntar, porém outra coisa.

Laquete - Como assim, Sócrates? [...]

Sócrates - Foi por isso que eu disse há pouco que era minha a culpa de não me haveres respondido certo, por eu não ter sabido formular a pergunta. Porque não queria que me dissesses apenas quem é corajoso na infantaria, mas também na cavalaria e em tudo o que for pertinente à guerra, e não apenas na guerra, como também nos perigos do mar, quem revela coragem nas doenças, na pobreza, nos negócios públicos; mais, ainda: quem é corajoso não somente com relação à dor e ao medo, mas também forte contra os apetites e os prazeres, assim quando os enfrenta como quando foge deles. Há também, Laquete, quem revela coragem nessas situações.

Laquete - Muita coragem, até, Sócrates.

Sócrates - Todas essas pessoas são corajosas; umas, porém, revelam coragem nos prazeres; outras, nas tristezas; outras, ainda, nos apetites, e alguns mais nas situações de incutir medo. Mas há, também, quero crer, quem se mostra covarde em condições idênticas.

Laquete - Perfeitamente.

Sócrates - Que é, portanto, coragem, e que é covardia? Foi isso o que perguntei. Experimenta explicar primeiro o que seja coragem, a qualidade que é sempre a mesma em todas essas situações. [...]

Laquete - Se tivesse de referir-me à coragem presente a todas essas situações, diria que é uma espécie de perseverança da alma.

Sócrates - É o que devemos fazer, de fato, quando tivermos de responder a essa pergunta. No entanto, eu penso que nem toda perseverança, ao parecer, se te afigura coragem. Infiro isso do seguinte: tenho certeza; Laquete, de que incluis a coragem entre as coisas excelentes.

Laquete - Entre as primorosas, podes ficar certo disso.

Sócrates - Assim, a perseverança da alma, quando unida à razão é bela e boa?

Laquete - Perfeitamente.

Sócrates - E quando unida à irreflexão, não será o contrário disso, funesta e perniciososa?

Laquete - Sim.

Sócrates - E afirmarias que é excelente o que é funesto e pernicioso?

Laquete - Não fora justo, Sócrates.

Sócrates - Não admitirias, portanto, que fosse coragem essa modalidade de perseverança, por não ser excelente, o que a coragem é, sem dúvida.

Laquete - Tens razão.

Sócrates - Logo, segundo o teu modo de pensar, coragem é a perseverança unida à razão?

Laquete - Assim parece.

Sócrates - Vejamos, então, quando ela está unida à razão: apenas em alguns casos, ou em todos, tanto nas coisas grandes como nas pequenas? Por exemplo: se alguém persevera em gastar com parcimônia o seu dinheiro, sabendo que com esses gastos acabará ganhando mais, dá a isso o nome de coragem?

Laquete - Eu não, por Zeus. [...]

Sócrates - E na guerra, o indivíduo persistente, que se dispõe a lutar depois de calcular prudentemente, por saber que não somente receberá ajuda dos companheiros, como terá de haver-se com inimigos inferiores e em menor número do que os que combatem ao seu lado, além de contar com a superioridade do terreno: um indivíduo nessas condições, que persistisse após tanta reflexão e tantos recursos, seria por ti considerado mais valente do que o antagonista das fileiras inimigas, que se decidisse a permanecer no seu posto de combate?

Laquete - A meu ver, Sócrates, o das fileiras inimigas é mais bravo. [...]

Nicias - Logo, se o indivíduo corajoso é bom, será também sábio.

Sócrates - Ouviste, Laquete?

Laquete - Ouvi; porém não compreendo muito bem o que ele quer dizer com isso.

Sócrates - Pois eu penso que compreendo; o que o homem quer dizer é que a coragem é uma espécie de sabedoria. [...]

Nicias - Digo, Laquete, que é o conhecimento do que inspira medo ou confiança, tanto na guerra como em tudo o mais.

Laquete - [...] Falas sem nexos. Para não irmos mais longe: os médicos não conhecem o perigo das doenças? Ou achas que só os corajosos o conhecem? E dirás, por isso, que os médicos são corajosos?

Nicias - De forma alguma.

Nicias - Por imaginar que os médicos sabem mais em relação aos doentes do que dizer-lhes o que lhes é saudável ou prejudicial, quando a verdade é que o conhecimento deles só vai até aí. Acreditas, Laquete, que os médicos podem saber se para qualquer pessoa a saúde é mais de temer do que a doença? Não conheces casos de doentes, aos quais fora preferível não convalescerem, a virem a sarar? Vamos, manifesta-te sem rodeios: és de opinião que, para todo o mundo, é melhor viver, e que em muitos casos não fora preferível morrer?

Laquete - Acho que há casos assim, pois não.

Nicias - E para quem a morte é preferível. Acreditas que ela seja mais de temer do que para os que lucram em continuar vivendo?

Laquete - Acho que não.

Sócrates - [...] E agora, Nicias, voltemos ao começo. Deves estar lembrado de que, no início de nossa argumentação, consideramos a coragem como uma parte de virtude.

Nicias - Perfeitamente.

Sócrates - Havendo tu respondido que se tratava de uma parte, admitiste, com isso, que há outras partes, a que, em conjunto, damos o nome de virtude.

Nicias - Por que não?

Sócrates - Então, a esse respeito pensas exatamente como eu? O que eu digo é que, tão bem como a coragem, são partes da virtude a temperança, a justiça e muitas outras. Pensas do mesmo modo?

Nicias - Perfeitamente.

Sócrates - Bem; até aí estamos de acordo. Consideremos, agora, as coisas que são para temer e as que o não são, para que não as interpretes de um modo. E eu, de maneira diferente.

Vou expor-te nossa opinião; se discordares dela, procura corrigir-nos. Consideramos perigoso tudo o que inspira medo, e inofensivo, o que não inspira. Porém não são apenas os eventos presentes ou passados que incutem medo; os futuros também o fazem. Não concordas com isso, Laquete?

Laquete - Inteiramente, Sócrates. [...]

Sócrates - E dás o nome de coragem ao conhecimento dessas coisas?

Nicias - Perfeitamente. [...]

Sócrates - Então, coragem não é apenas conhecimento do que é de temer e do que é de confiar, não diz respeito apenas aos bens e aos males futuros, mas também aos do presente e aos que já se realizaram, ou como quer que se comportem, justamente como os demais conhecimentos.

Nicias - É o que parece.

Sócrates - Em tua resposta, Nicias, deste-nos a definição de cerca de um terço da coragem, conquanto nossa pergunta se referisse a toda a coragem, o que ela seja. Agora mesmo, ao que parece, pelo que disseste, coragem não é apenas o conhecimento do que é de temer e do que é de confiar, mas de todos os bens e todos os males em geral, de qualquer jeito que se comportem, conforme se deduz do teu discurso, na definição de coragem. Mudaste de opinião, ou pensas assim mesmo?

Nicias - Penso assim mesmo, Sócrates.

Sócrates - Ó varão felicíssimo! Acreditas que possa carecer de alguma parte da virtude quem conhecer todos os bens, sob qualquer modalidade que se apresentem, como se realizam, como se realizaram, e como poderão vir a realizar-se, e a mesma coisa com relação aos males? E achas que semelhante criatura ainda necessite de temperança, ou de justiça, ou de santidade, que é tudo o de que ele necessita para precaver-se tanto da parte dos deuses como da parte dos homens, contra o que é perigoso e o que não é, e para alcançar a e maior soma de bens, visto saber como comportar-se com relação a todos eles?

Nicias - Há muita verdade, Sócrates, no que disseste.

Sócrates - Sendo assim, Nicias, de acordo com tua última proposição, a coragem não é uma parte de virtude, porém toda a virtude.

Nicias - É o que parece.

Sócrates - Porém antes afirmamos que a coragem era apenas uma das partes da virtude.

Nicias - Afirmamos, realmente.

Sócrates - Porém nossa última conclusão é diferente.

Nicias - Parece que sim.

Sócrates - Nesse caso, Nicias, não descobrimos o que seja coragem.

Nicias - Não, realmente.

Laquete - No entanto, meu caro Nicias, eu estava certo a de que a descobririas, pela maneira desdenhosa por que me trataste, quando eu respondia às perguntas de Sócrates. Tinha esperança de que com a sabedoria de Damão virias a descobri-la.

Lisímaco - O que dizes, Sócrates, me agrada; e como sou o mais velho, quero ser também o mais interessado em aprender juntamente com os rapazes. Porém atende ao meu pedido: não deixes de ir amanhã cedo a minha casa, para prosseguirmos na consulta sobre este mesmo assunto. Por agora, ponhamos ponto em nossa conversação.

Sócrates - Farei o que disseste, Lisímaco; amanhã cedo irei a tua casa, se Deus quiser.

Glossário:

- Hoplomaquia – combate armado.
- Refutar – ato de desmentir ou negar uma informação previamente apresentada.
- Virtude – capacidade de realizar uma tarefa determinada. Assim como os órgãos (p. ex., a função dos olhos é ver, e a possibilidade de ver é a V. dos olhos), a alma tem suas próprias funções, e sua capacidade de cumpri-las é a virtude da alma. Por isso, segundo Platão, a diversidade das V. é determinada pela diversidade das funções que devem ser cumpridas pela alma ou pelo homem no Estado. As quatro V. fundamentais ou cardeais (v.) são determinadas pelas funções fundamentais da alma e da comunidade.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, A. **Racionalidade argumentativa da filosofia e a dimensão discursiva do trabalho filosófico**. Coimbra: Associação de Professores de Filosofia; Lisboa: Sociedade Portuguesa de Filosofia, 2017. Disponível em: <http://apfilosofia.org/wp-content/uploads/2017/09/AE-LO%CC%81GICA.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2019.

ALVES, M. A. S. **A argumentação filosófica**: Chaïm Perelman e o auditório universal. 215 f. Dissertação (mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

BELMONTE, T. A coerência na promoção de leitura crítica. **Revista de Letras**, p. 1 - 10, 2002. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-PT&as_sdt=0%2C5&q=A+coer%3%Ancia+na+promo%3%A7%3%A3o+de+leitura+cr%3ADtica+belmonte&btnG=. Acesso em: 06 fev. 2019.

BRASIL. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 02 jan. 2018.

COSTA, Izanete de Medeiros. **O estudo da metodologia elênica dos diálogos platônicos e a argumentação crítica no Ensino Médio**. 125 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: http://www.uern.br/controldepaginas/proffilo-dissertacoes-defesa2019/arquivos/5400o_estudo_da_metodologia_elentica_dos_dielogos_platonicos_e_a_argumentacao_critica_no_ensino_medio.pdf. Acesso em: 22 ago. 2020.

DINUCCI, Aldo Lopes. O Elenchus como o Principal Instrumento da Pedagogia Socrática. **SABERES**, v. 1, n.1, p. 5-16, dez. 2008. Disponível em:

www.cchla.ufrn.br/saberes/Edicao1/Artigos/Aldo%20Lopes%20Dinucci_p.5-6.pdf. Acesso em: 04 ago. 2017.

GALLO, S. **O ensino da Filosofia e o pensamento conceitual**. In: CARVALHO, M.; COENELLI, G. Filosofia e Formação. Vol. 1. Cuiabá: Central do Texto, 2013. p. 205 - 215.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

PLATÃO. O Sofista. In: PLATÃO. **Diálogos**: O Banquete, Fédon, Sofista, Político. Tradução e notas de José Cavalcante de Souza. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 129 - 195.

PLATÃO. **Górgias**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1980.

PLATÃO. **Teeteto-Crátilo**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Gráfica e Editora Universitária UFPA, 1988.

PLATÃO. **Mênnon**. Edição bilíngüe grego-português. Tradução de Maura Iglésias. São Paulo: Loyola; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2001.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Tradução de Maria Lacerda de Moura. 19. ed. São Paulo: Ediouro, 2002.

PLATÃO. Laques (ou Da Coragem). In: PLATÃO. **Diálogos VI**: Crátilo (ou Da Correção dos Nomes), Cármides (ou Da Moderação), Laques (ou Da Coragem), Ion (ou Da Ilíada) e Menexeno (ou Oração Fúnebre). 2. ed. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Edipro, 2016.

SANTOS, J. T. **Para ler Platão**. Tomo I. A ontoepistemologia dos diálogos socráticos. São Paulo: Loyola, 2008.

SAVIAN FILHO, Juvenal. **Filosofia e filosofias**: existência e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.